

VIVENTES & VAMPIROS
(1982)
augusto de campos

VIVENTES E VAMPIROS

A SUG AR

ATE' O ULTIMO SUPURO

Io pur re - spi - ro, io pur re - spi - ro
Io pur re - spi - ro, re - spi - ro
Io pur re - spi - ro, re - spi - ro
Io pur re - spi - ro, re - spi - ro
Io pur re - spi - ro

A VIDA VIRUS

A LANGR AR

nota: o trecho de partitura pertence
ao madrigal *Io pur respiro*
(Livro VI) dos *Madrigali a cinque
voci* (1611) de Gesualdo,
Príncipe de Venosa.

POETAS E PAPIROS

T.S. ELIOT – SUSSURROS DE IMORTALIDADE

Webster, possesso pela morte,
de trás da pele, via o crânio;
seres sem tórax se inclinavam,
rindo sem lábios, subterrâneos.

Não olhos: bulbos de narciso
pasmavam de órbitas escuras!
Sabia: a mente ronda restos
mortais, com luxos e luxúrias.

E Donne, suponho, nada via
que superasse a consciência
no achar, pegar e penetrar;
experto além da experiência,

sabia a angústia da medula,
o espasmo do esqueleto e viu
que, no contato dado à carne,
nada aplacava o osso febril.
.....

Grishkin é bela: sublinhado,
seu olho eslavo se acentua;
seu busto amistoso promete,
solto, pneumáticas venturas.

O jaguar brasileiro espreita
o mico arisco e afugentado,
com eflúvio sutil de gato;
Grishkin é dona dum sobrado;

O nédio jaguar brasileiro,
em sua sombra arbórea, não
destila um cheiro tão felino
como o de Grishkin num salão.

Mesmo as idéias circundam
seu charme. Nós rojamos entre
costelas secas, porém, para
que a metafísica se esquite.

(Tradução de Nelson Ascher)



O NOME DOS GATOS

T.S. ELIOT

Nomear os gatos é um assunto complicado
Não um mero jogo de férias;
Você pode pensar de início que sou amalucado
Quando lhe digo: um gato deve ter TRÊS DIFERENTES
NOMES.

Antes de todos, há o nome que a família usa e que sei,
Como Peter, Augustus, Alonzo ou James.
Como Victor ou Jonathan, George ou Bill Bailey –
Cada um, um bom nome para todas as horas.

Há nomes extravagantes, se bem lhe parecer,
Alguns para cavalheiros, outros para as senhoras:
Como Plauto, Admetus, Eletra, Demeter –
Cada um, um bom nome cotidiano.

Mas eu lhe digo, um gato precisa de um nome particular,
Um nome peculiar, e mais dignificante,
Senão como pode manter sua cauda perpendicular,
Ou esticar seus bigodes, ou ter orgulho constante?

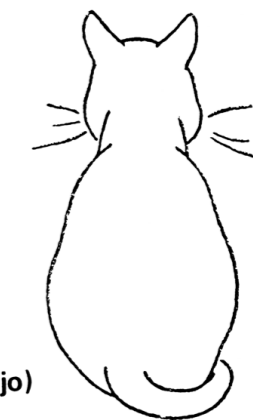
De nomes dessa espécie, posso fornecer-lhe o quorum,
Nomes como Munkustrap, Quaxo ou Coricopato,
Como Bombalurina, ou mesmo Jellylorum –
Nomes que nunca pertenceram a nenhum outro gato.

Mas acima e além disso, há um nome a preferir
E esse é o nome que você nunca saberá;
O nome que nenhuma pesquisa humana pode descobrir –
Mas O PRÓPRIO GATO SABE, e nunca o confessará.

Assim, quando vir um gato em profunda meditação
A razão, eu lhe digo, é sempre a mesma:

Sua mente está ocupada na absorta contemplação
Do pensamento, do pensamento, do pensamento de seu nome
Seu inefável e preferido
Preferinefável

Profundo e inescrutável e singular Nome.



(Tradução de Laís Corrêa de Araújo)

VOCÊ JÁ ARRANHOU PAREDE
JÁ SENTIU O ÁCARO DA ROSA AUSENTE
JÁ MASTIGOU PANO
JÁ VIU A ROMÃ DAR-SE À LUZ EM GRENÁ
E O GOLFINHO SALTANDO PARA O TEU ÚTERO
VOCÊ JÁ OUVIU UM PINTASSILGO OUVINDO BETELJOSA

I AMO VOCÊ

3 poemas ideológicos de amor

ventrava estrelas
e azul teu cheiro
e cheiros
beiravam pregas
de luz de pele
e enchiam o
cosmos um corpo
que se beijava
por inteiros

morrer em ní nive

desmemoriado
insensível a tudo

não fora
a grandeza do fim

não fora a lembrança
daquela terra
de índios e suipsitacídios

onde os teus olhos
me faloharam
por tuas bocas

pela primeira vez

décio pignatari
valdevinos / dez. 82

Acaso

Thomas Hardy / Décio Pignatari

Se ao menos do alto me chamasse um deus
De ódio, e risse: "Ó homem coisa-dor,
Teu sofrimento é o júbilo dos céus,
Teu deve-amor é o meu haver-rancor",

Eu me conformaria, indo ao extremo
De não dobrar-me, réu de juiz-verdugo,
Mas orgulhoso que um poder supremo
Me obrigasse a gemer sob o seu jugo.

Mas não. Mal nata, a Alegria já é Morte,
E num ofego a Esperança se afoga;
Brinca de sol e chuva o Tempo, e joga
Dados trocados com meu crepe a Sorte.

Tais juízes viciados são bem loucos:
Condenam-me a viver, mas pouco, e aos poucos.

valdevinos, jul 82

Soft Tigers

SOFT TIGERS

Soft Tigers

Soft Tigers

Soft Tigers

Era inverno, que, como todos sabem, é a estação dos tigres macios...

— O quê que tá passando nessa porra dessa tv?

Ele estremeceu levemente e permaneceu imóvel no sofá, a testa franzida, o livro aberto no colo. A voz que vinha do quarto misturada ao som de um pick-up altíssimo tornou a insistir.

— O quê que tá passando nessa porra dessa tv?

— *Que porra de tv?*

— *Essa* porra de tv.

— Ah, *essa* porra de tv.

— Sim, o quê que tá passando?

— Nada. Eu não estou assistindo. Estava tentando ler um livro quando você me interrompeu.

— Ah, desculpe...

— Vou sair. Aqui nessa casa ninguém pode ler nada.

Bateu a porta, abafando o som de “I want a plane to take me away”, um rock de Pepsima and the Callgirls, uma nova banda new wave. Lá fora o ar estava agradável, expressão que significa fino, sem poluição e com uma temperatura agradável. Caminhou sem pressa pela calçada deserta em direção à banca de jornais da esquina. Os garotos punk da vizinhança que se reuniam na porta de um prédio abandonado fizeram caretas à sua passagem.

Nem por um instante percebeu a limusine negra que o seguia como uma sombra, lenta e silenciosamente. Uma velhinha que levava o seu cachorro para defecar gritou quando três homens com aspecto de imigrantes saltaram e em poucos segundos o dominaram, arrastando-o para o interior do carro e arrancando velozmente. Ele debateu-se no largo banco traseiro entre seus raptores, enquanto eles comprimiam um lenço úmido de encontro ao seu rosto. Tentou prender a respiração mas teve que aspirar fortemente.

Um zumbido encheu o seu crânio ao mesmo tempo em que um entorpecimento irresistível tomava conta dos seus membros. Soltaram seus braços e cobriram sua cabeça com um capuz negro. Luzes cintilaram diante dos seus olhos. Seus sentidos lhe pareciam muito aguçados ou muito embotados. Sentiu o contato suave da seda no rosto e esforçou-se para entender as vozes distantes que falavam numa língua semelhante ao árabe...

— O que é isso, rapaz?

— Ah... humm... isso é uma tradução de um escritor americano que eu estou terminando de fazer.

— Não sabia que você estava traduzindo literatura americana.

— Estou sim. Ficção científica, esse tipo de coisa.

— Mas esse texto aqui não é f. c. Parece mais um pastiche dessas novelas de espionagem com uma coisa meio pop, não é?

— É, eu gosto muito dessa coisa pop. Estou traduzindo alguns poemas beat também.

— Como esse aqui?

Soft Tigers

“Oh Anacreonte e angélico Shelley!

Guiem estas gerações de seios novos em naves espaciais em direção ao próximo universo de Marte”...

Soft Tigers

— Esse... deixe eu ver... acho que é Ginsberg. É sim, é um fragmento de “Whom to be good”. Que tal, gostou?

— É, você é mesmo fascinado por esse lixo da contracultura..

— Não acho que seja um lixo. E além disso a literatura beat é anterior à contracultura, talvez uma precursora. É que talvez ela não seja uma literatura bem-acabada, dentro dos padrões estéticos tradicionais. Eles escreviam ininterruptamente em longos rolos de papel, sem nunca revisarem os originais. A ordem era “Acrescentar sempre!” Isto torna os seus textos uma espécie de palimpsesto moderno, onde as novas frases se superpõem às antigas sem contudo as apagarem...

Ele deixa cair o livro a seus pés. No seu rosto há uma expressão de tédio. Merda de conto sobre uns caras discutindo literatura. Ele parece chateado.

Por que ele está chateado? Talvez porque ele se lembre de alguma coisa. De que ele se lembra?

Eu estava com você ali naquele aeroporto, que era um aeroporto dos seriados policiais da tv, e ali também estavam diversos gangsters, contrabandistas, delinqüentes juvenis e ladrões internacionais prontos para provocar incêndios, arrombar cofres, cometer sequestros e toda espécie de sabotagens. Nós atravessávamos correndo a imensa pista de aterrisagem, correndo um imenso risco de sermos atropelados pelos aviões jumbo, ônibus de transporte de passageiros, ambulâncias e carros de polícia que corriam para evitar incêndios, arrombamentos de cofres, sequestros e toda espécie de sabotagens. Você parecia ter chegado da praia, e eu nem me lembrava de perguntar se havia praia em New York ou Los Angeles, que era onde um aeroporto daqueles devia ficar. Nós nos abrigávamos num local que parecia ser uma faculdade de matemática pura, mas que na realidade era um hangar abandonado. O seu vestido lilás contrastava com a cor da sua pele bronzeada e os bicos dos seus seios apareciam através do fino tecido. Você ria das estórias absurdas que eu contava para lhe divertir e eu ficava lhe olhando assim bestamente. Será que em algum momento ali no meio daquele caos eu me lembrei de perguntar que porra eu estava fazendo com você num aeroporto dos seriados policiais da tv, no meio de gangsters, contrabandistas, delinqüentes juvenis e ladrões internacionais que trocavam tiros com a polícia sob o barulho de sirenes, explosões, gritos e decolagens de aviões jumbo? Não. Por mais incrível que pareça, eu estava mais preocupado com os carregadores de malas que insistiam em ficar olhando para os bicos dos seus seios que apareciam através do fino tecido do seu vestido. Eu porventura pensava em sair dali, em fugir para algum lugar com você? De modo algum. Ali naquele hangar abandonado que parecia uma faculdade de matemática pura eu sentia vontade de lhe dizer alguma coisa, de tocar no seu corpo, mas ao mesmo tempo eu sabia que tudo aquilo não passava de um sonho, que tudo aquilo ia terminar, e isso me causava tamanha angústia que me dava vontade de gritar com uma voz que eu não tinha, que os personagens dos seriados policiais da tv não podem ter: Fodam-se os aeroportos de New York ou Los Angeles! Fodam-se os seriados policiais da tv! E acima de tudo, porra! foda-se a literatura!

— De que você está rindo, menina?

— De umas besteiras que eu estou lendo aqui. É um conto sobre um sujeito que está lendo um conto sobre outro sujeito que está lendo outro conto...

— Ah, sim, eu já li. É de um escritor latino-americano.

— Eu percebi logo. Da literatura latino-americana só se aproveita Borges, Cortazar...

— ... e Cabrera Infante e Severo Sarduy e...

— ... Há algo de antigo nisto, algo que soa como a repetição de velhos clichês. Talvez seja esse uso abusivo da metalinguagem, esse recurso à ironia, à paródia. O código irônico é, em princípio, uma citação explícita de outrem; mas a ironia desempenha o papel de um edital e, por isso, destrói a polivalência que se poderia esperar de um discurso citacional.

A paródia, que é, de certo modo, a ironia trabalhada, é sempre uma palavra *clássica*. O que poderia ser uma paródia que não se assinalasse como tal?

— É o problema que se põe à escritura moderna: como forçar o muro da enunciação, o muro da origem, o muro da propriedade?

— Só a escritura, ao assumir o plural no seu próprio trabalho, da forma mais vasta que é possível, pode opor-se sem violência ao imperialismo de qualquer linguagem.

— Há uma pequena história sobre lutadores de luta romana. Um lutador de segunda categoria bate o campeão do mundo. Um dos espectadores declara que houve marmelada, desafia o vencedor para um encontro e vence com facilidade. No dia seguinte, um jornal revela que também houve no caso uma fraude combinada. O espectador, ofendido, invade a redação e derruba a bofetadas o repórter. Mas é fora de dúvida que num dos casos houve marmelada mesmo. Ou talvez em todos eles.

— Que barulho é esse?

Um rugido semelhante a um trovão. Levantam-se e dirigem-se à janela. No horizonte, nuvens de chuva juntam-se num aglomerado cor-de-chumbo. Vai cair uma tempestade de tigres macios.

Marcus do Rio (1980, 1981, 1982)

Allen Ginsberg (1965)

Roland Barthes (1970)

Roman Jakobson (1982)

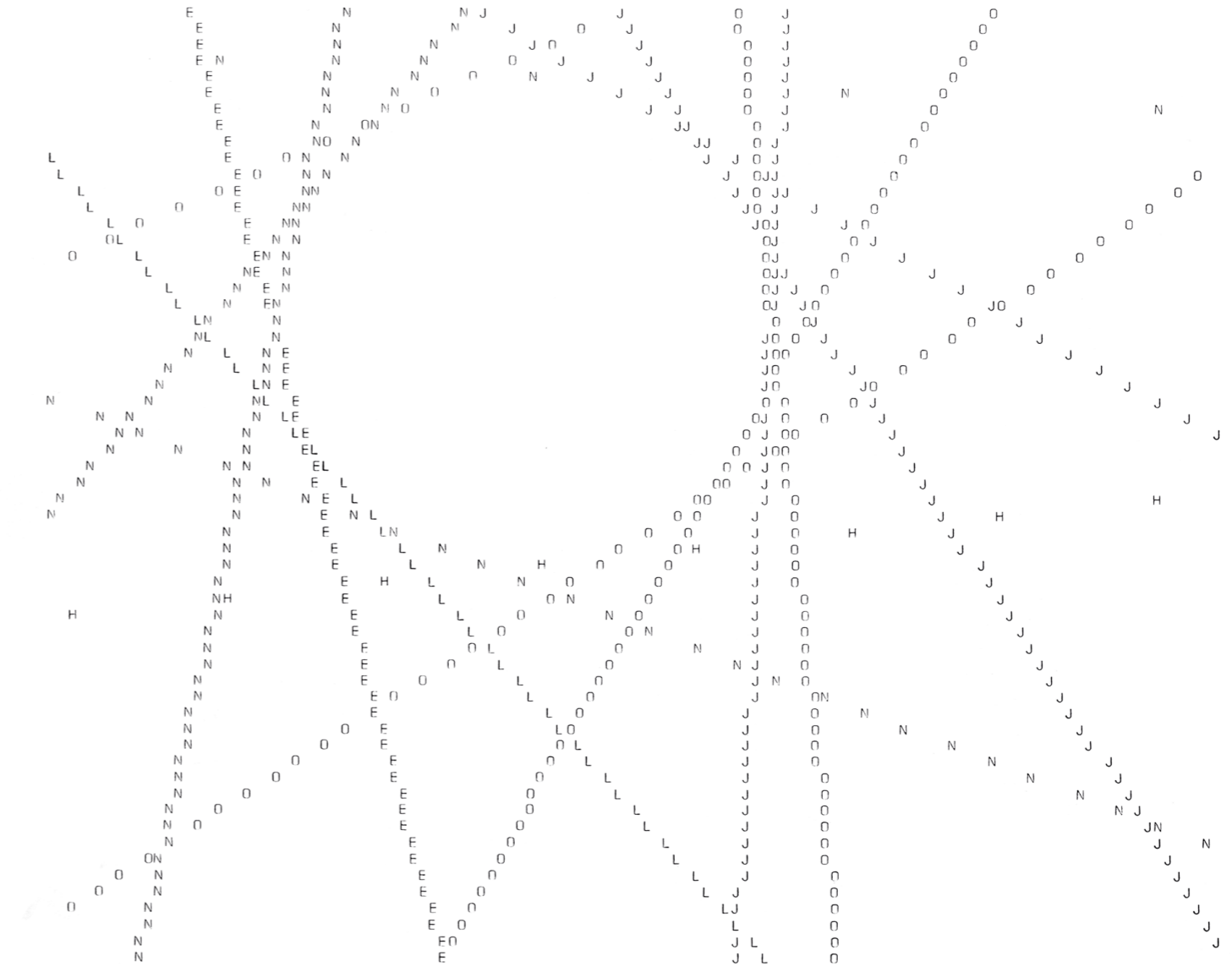
m
a l
i u
s z

intensidade pela pele

em
sede
seco
gole
gol
gula
gar gan
t a fogo
afagos
prá ser
prá zer
ra paz um pouso
a paz re pouso

seio do seio
mama da mama
peito peito
com
metáfora
sem

B C C S V H
R L A O U I O
I A L O R S R G A
L R A R R G A
H Ã R O G O
O O R M M
R R C C L A E E
I A A O L R S D L I
S I O P M I I I
O O R O A A A A



Luciano Diniz

A complex arrangement of characters including 'L', 'E', 'N', 'O', 'J', 'H', and 'JN' forming a dense, abstract pattern. The characters are scattered across the page, with some forming vertical columns and others appearing in horizontal clusters. The overall appearance is that of a highly structured, non-representational data visualization or a specific form of digital art.

A complex arrangement of characters including 'N', 'E', 'O', 'J', 'H', and 'JN' forming a dense, abstract pattern. The characters are scattered across the page, with some forming vertical columns and others appearing in horizontal clusters. The overall appearance is that of a highly structured, non-representational data visualization or a specific form of digital art.

UNIVERSO
EU
INFINITO

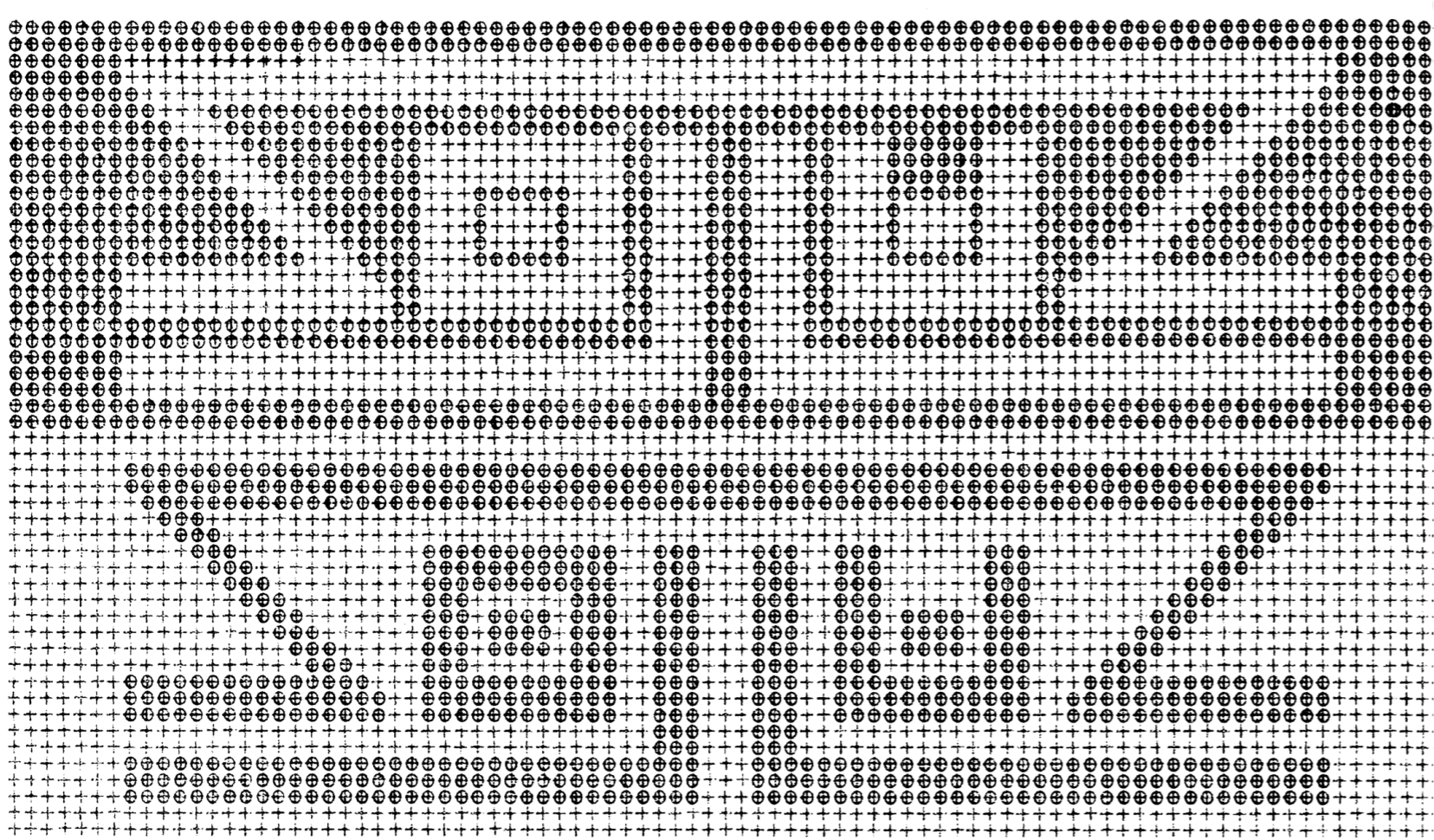
Pepeu
PEDRA

ABC
PALAVRA
POEMA
AEIOU
nascimento da poesia

ed. braga
80

nascimento do som

A
E
U
V
O
S
M

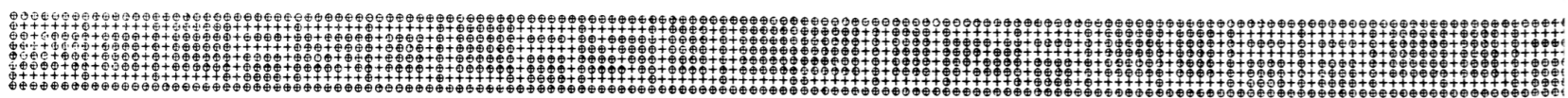


LUMINOSOS, itapuã jan 83

andré luz de todos os sã'tos



papoula no poema



EMILY
carlos ávila

sinai sertão

Vinicius Dantas

Все поэты жи́ды

Marina Zvetajewa

à memória de Glauber Andrade Rocha
e Virgulino Ferreira da Silva

1

eu penso para esconder o que sou
esconder-me
em outra pele
em outra pele
em outra pele
ah valhacouto feroz da veia
acuda-me nesta hora
fecha meu corpo
fecha meu corpo
pela sete estrela de davi
pelo signo de salomão
pela mulher do papa joão
pela madrinha de minha mãe
pela farinha de meus filhos
pelo meu desejo
invocado invocado invocado
eu penso para pagar meus pecados
arrepender
en
forcado
na minha palavra
verdadeira
verde verde verde verde verde

2

esta pele
esta
não me assenta casca
esta pele
não me assenta coral
esta porra
não fecunda
não fecunda
não fecunda
esta célula
esta célula
não é minha casa
não é minha terra
nem é o morro de deus
nem é o morro dos homens
não é a tentação daquela outra pele de cobra
caatinga de epiderme
caatinga de cara
caatinga de alma
caatinga de berro
caatinga de água
eu escrevo para ocultar a pele
o cansaço o diacho a alma
o corpo que não se acha mais ao mar
o corpo aonde o corpo no mar alto
o corpo náufrago
o corpo nau

3

ah dias de um outro sol
de uma outra terra
de uma outra serra
a girar
santos satélites
galáxias santas
santos santas
a noite é minha madrinha
o esquecimento primata de viver
ah o esquecimento primata
pisar pisar
experimentar o pé
experimentar o pé
nem molécula nem velhice
inexoravelmente planeta
ah cadente corpo
ah cadente abraços de anos
dentro pulsar peito
dentro pulsar noite
nada pulsar dentro
ah cadente corpo
pisar
experimentar o pé
pisar
marcar o passo
acender
-se

4

ah era
astrais banais
barra do dia
eu penso para ocultar o que sou
eu penso para ocultar o que era
esconder-me
do medo
do mal
do medo
do mal
do medo
do desejo
o corpo a pele o corpo a pele
o verde o verde
a terra
eu penso para ocultar o olho
eu penso para ocultar o olho
olho olho olho olho olho olho olho olho olho olho
cidade
grande
dor
parto

5

grandes planícies de medo
estepes
árvores frutíferas
flora flora
horto
plástico
a cultura da terra
grandes planícies de medo
e nós
nessa
sem fundo sem fígado sem faces
nessa
entranhado
o estranho
a porra o mar
eu penso para esconder o que penso
esconder-me
fechar o corpo
fechar o pó
olhar
deus nenhum
o destino
a praga
a voz dos profetas
discos gravadores televisores meus
grandes planícies de medo
orco

6

eu penso para ocultar o que sou
eu escrevo para ocultar o escravo
eu penso para ocultar
para não me render ao carbono
do teu desejo
filha da puta fácil
filha da puta fácil
filha da puta fácil
mulher de deus de uma figa
benzedeira
abençoa minha geração
abençoa minha mãe
abençoa o bom parto
abençoa a minha mão
eu penso para ocultar meu corpo
eu penso para fechar o corpo
do que escrevo
para escravo
o ver viver
o verde do mais alto
o horto do senhor
filha da puta fácil
filha da puta fácil
mulher de deus de uma figa
rói a luz
carcome a cor
come meu corpo
filha da puta fácil

7

beija beija beija beija beija
tua face minha face teu corpo meu corpo
olho teu meu olho
assim eu assado tu
assim dentro eu assado fora tu
beija minha palavra
mãe fácil
mãe fácil
para não me render ao carbono
ao amoníaco
ao teu desejo
beija
pequenina ratazana da eternidade
carniça feliz destes dias na terra
carniça feliz deste olhar sobre nada
do mais alto
do mais supremo
do mais vago
vazio
VER

opúsculo goetheano (1)

“...die Natur kann die
Entelechie nicht entbehren...”
(...a natureza não pode
dispensar a enteléquia...)
GOETHE

manter a enteléquia
ativa
quero dizer
como o fósforo
(branco)
que acende dentro d'água
como o fogo no pórfiro
(dentro)
a pala d'oro

*

a enteléquia:
o que enracina
e desraíza
o que centra
e descentra
o que ímã
e desimanta

o que no corpo
desincorpa
e é corpo: áureo
aural
aura

*

mantê-la viva

no arco voltaico dos cinquent'anos
consona a lira dos vinte
e vibra

é o mesmo fogo no signo do leão
para a combustão desta página
virgem

o mesmo soco no plexo solar
a mesma questão (combustão)
de origem

*

a enteléquia
mantê-la
viva

*

entre larva e lêmure
viva

entre treva e tênue
viva

entre nada e nênia
viva

*

a enteléquia
esse fazer que se faz de fazer

*

talvez um pó
depois que a asa cai
e desala
(cala)
um íris um cisco
luminoso

um último rugitar dos neurônios
farfalhados um nu de urânio
alumbrando
sensório: pala d'oro

ou a chama que tiritia
no âmago do pórfiro

*

mantê-la ativa a enteléquia

*

rosácea de nervuras negras
vapor de ouro
por onde o azul e o roxo coam

vê-la para além transvê-la

chuva de rosas destenebrantes
aspirar esse aroma

viva mantê-la viva
a enteléquia

*

uma forma do transcender no descender

*

poeira radiosa
quartzo iridescente

a natureza incuba a metáfora
da forma
e tresnatura: formas
em morfose

*

ativa:
a enteléquia ativa: a
música das esferas

*

não há anjos nessa órbita querúbica
há poeira (poesia) radiante
casulos resolvidos em asas

um comover de harpa eônia
um riso onde a dissolta enteléquia
(nó desfeito no após do pó)
primavera

opúsculo goetheano (2)

“Jede Entelechie nämlich ist
ein Stück Ewigkeit.”
(Toda enteléquia é já um
fragmento de eternidade)
GOETHE

o arco
íris
branco: uma
segunda
puberdade: goethe
o viu
na estrada para frankfurt
(antes de ver marianne)

pound (anakreōn): senesco
sed amo

a rosa
petrifica no
nitrogênio líqüido
e só quebra
(williams: rosa saxífraga?)
a golpes de martelo

vê-la
depois do choque
térmico depois do
degelo:
pétalas
(quase pedra)
quebradas:
seda ainda

*

dos meus cabelos
a asa (arco)
os anos (íris)
(castanhos)
embranquecerão:

o coração não

haroldo de campos
11.6.82

ouro para um tigre

oro triste
a poesia
disse o poeta
que disse
o ouro dos tigres

oro oro oro
três tristes tigres
guardando seu ouro ouro ouro
tris tris triste

augusto! tyger! tyger!
burning bright
in the forests of Brazilian night
meu tio o tigre o alegre tigre
TORÁ! TORÁ! TORÁ!

paulo leminski

torá, em japonês, tigre. torá torá torá, a senha para o ataque a pearl harbour.

ESTREITO DE BEHRING

Andes lunártica. Mas
se amas zonas como estás
precisarás de uma guiana.

Tudo é rima da mesma laia.
Contudo, antilha que sóis,
indico até a passagem,
mas fico pacífico.

(Melhor fuji? Jogar bombains?
Aprender um novo baobá?)

Louça bem:
é ombro a ombro
que se mede o terrâneo.
Vieste e não
queiras nem saber
se finlândias ou se hanoitece.
Talvez caiba numa cuba o que comigo mexe.
Talvez não.

Senão, dançar entre as guirlandas
abrir as venezianas
olhar os líbanos do campo
sonhar os arabescos de um país real.

Mas, por favor, não sejas céltica:
cathay flores pelaí.
Lustrai as angolas de prata,
os luxemburgos do teu porta-jóia.

Sei que podes roubar as madripérolas.
Mas, se és panha,
ninguém ghana nada com isso.
Fiquemos juntos, por tanto:
entre uma selva e a soyuz.
Nenhuma jaula encerra a leoa
que anda à luz.

E o que eu quero mesmo
é madagascar o teu lábio fucsia.
Ser tua berlinda e tua rússia.
Jogar o lácio no teu em torno
cobrir tuas encostas
colorir as tuas contas.

Ah e ti acariciar
a pele argentina
pra que não passes horas a frio
e pro teu corpo
ficar brasil.

Antonio Risério

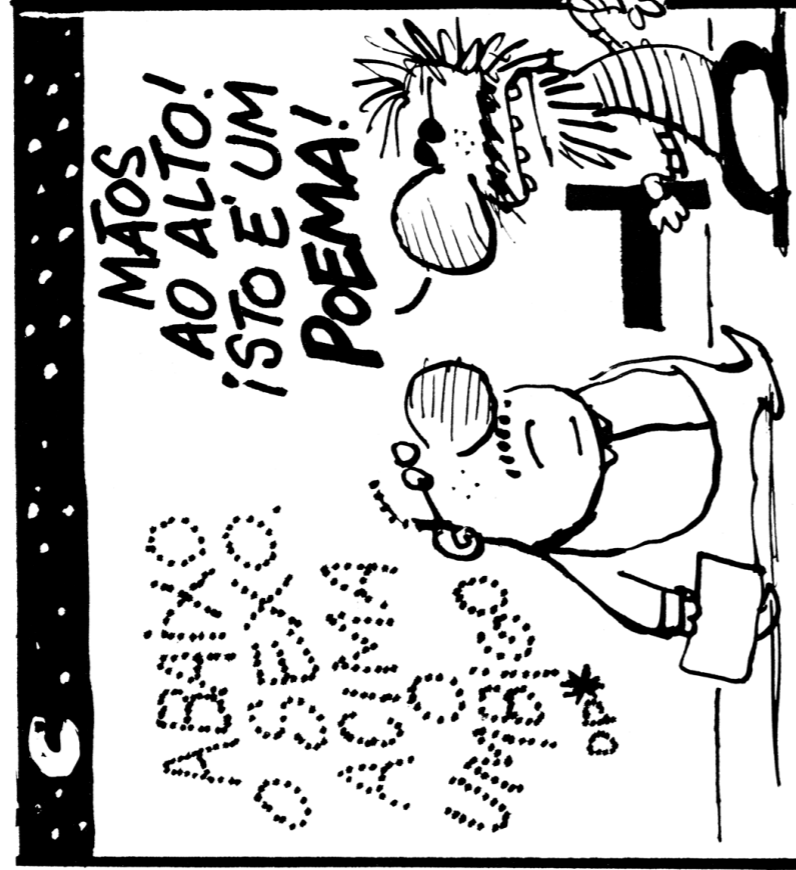
q u e r o s e r c o m p r e n d i d o p e l o m e u p a í s
m a s t a n t a s p a s s a g e m s a r e i s a q u a
d e c o m o b l í q u a
t a p a d e c o b l í q u a
s e n ã o f a z e i s a q u a
c o m p r e n d i d o p e l o m e u p a í s
p a r a q u e n ã o p a s s e s h o r a s a f r i o
e p r o t e u c o r p o f i c a r b r a s i l

A CHUVA OBLÍQUA DE MAIAKÓVSKI
versão-caligrama e montagem de agosto de campos
(perfil de maiakóvski — a. ródtchenko)

GLAUCO
MATTOSO

ANGELI

O MARGINAL





Saudades do Céu

Tabu, o filme, é o divertimento de alguém (ninguém) que cuidou falsear e complicar histórias... as vezes alheias... um filme é a projeção de uma idéia em audiovisual, através da emoção... a relação entre o Tabu, de Murnau, e o cinema brasileiro, existe e na melhor tradição do cinema brasileiro que é o Major Reis (o documentarista de Rondon e dos rituais Bororos) e profunda também é a relação Bora Bora-Brasil, entre outras Bora Bora é um Canudos insular... A visão do paraíso no Tabu, de Murnau, é o nosso Brasil século XVI prá trás, o Rio de Janeiro é um antigo santuário, pequeno rincão de deus, cidade pagã, pré-história à beira mar, lustram naquela cidade (boca desdentada) sinais de um ex-éden. Tarefa íncrita e sublime a reconstrução do paganismo carioca, o Rio dos megalitôs míticos do perro del inferno e janura!! pristinos totens e tudo tabu... bem, e os deuses? os deuses se vão... tabu deixou o Rio? se deixou não foi um deixar deixando, que isto não poderia ser, foi um deixar retendo, um deixar conservando, um deixar sem deixar... Oswald Lamartine J. do Rio Miss Duncan Mario Reis Manuel Bandeira Jacob do Bandolim Chico Alves Madame Xavier os rapazes da zona, não tem nada ver com eles. mas são eles.

do guarani ao guaraná com voz e vez cu...pido

Carioquíssima
Amabilíssima
Renovadíssima
Nacionalíssima
Animadíssima
Valiosíssima
Assanhadíssima
Luxuosíssima



grandes poetas? há grandes poetas fora do silêncio de seus próprios corações? um FILMEPOEMA é uma festa do intelecto e poesia é um chegar ao estado de "invenção permanente"...

Tenho prazer, e tudo que faço é no sentido de me divertir de ter e dar prazer, de relacionar-ideogramizar este material: aparências e superfície de imagens. já se disse que o trabalho intelectual é humorístico e em alguns o humorismo é involuntário e em outros é deliberado e consentido... mas deixemos o vago... vago. os deuses antigos não definiam o que criavam, daí sua superioridade...

sempre esta coisa pouca simples — O SONHO. e sonho verdadeiro é incoerência, raridade, falta de propósito...

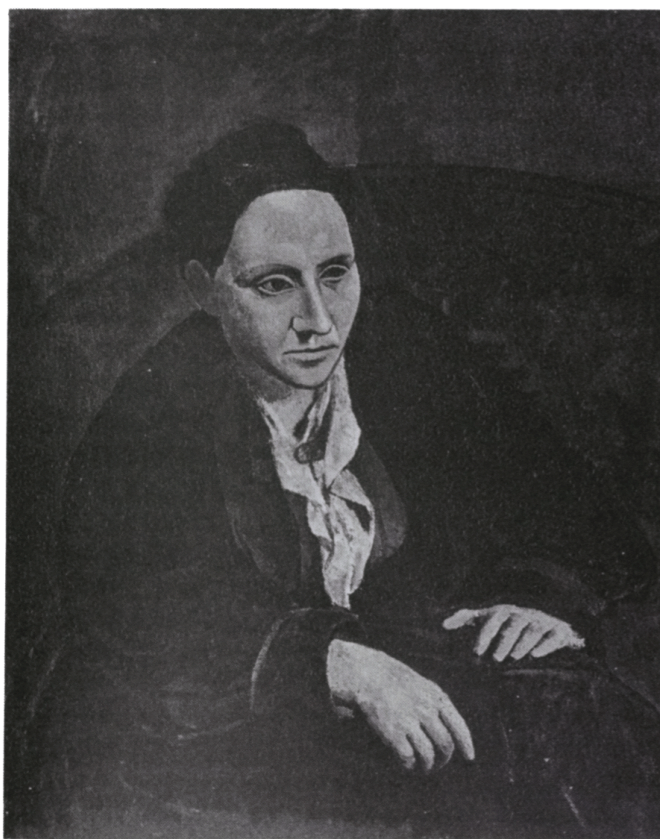
O Rio, quem conhece chora, quem conhece mais ri: Rio, Rio do Eu, Rio do Cão, Tabu...

JÚLIO BRESSANE

Melanctha

FRAGMENTOS DA NOVELA "MELANCTHA" DE GERTRUDE STEIN

TRADUZIDA (PARCIALMENTE) POR CAETANO VELOSO



MELANCTHA Cada Uma Como Pode

Rose Johnson fez com que fosse muito difícil o nascimento do seu bebê.

Melanctha Herbert, que era amiga de Rose Johnson, fez tudo o que uma mulher podia fazer. Ela cuidou de Rose, e foi paciente, submissa, tranquilizadora e incansável, enquanto a amuada, infantil, covarde e preta Rose grunhia e gritava e uivava e fazia de si mesma uma abominação e como um simples bicho. Rose Johnson era descuidada e negligente e egoísta, e quando Melanctha teve que sair por alguns dias, o bebê morreu. Rose Johnson gostava bem do bebê bastante e talvez ela apenas se esquecesse dele um pouquinho, de qualquer modo a criança estava morta e Rose e Sam seu marido sentiram muito mas aí essas coisas eram tão freqüentes no mundo negro de Bridgepoint que eles nenhum dos dois pensaram nisso por muito tempo.

Rose Johnson era uma negra realmente preta mas ela tinha sido criada por gente branca como se fosse a própria filha deles.

Rose ria quando estava feliz mas ela não tinha a risada larga, abandonada que dá esse morno brilho dourado ao sol dos negros. Rose nunca ficava alegre com aquela ilimitada e terrena alegria dos negros. A sua era apenas uma risada comum, qualquer risada de mulher.

Rose Johnson e Melanctha Herbert, como muitas duplas de mulheres, formavam um par curioso para serem tão amigas.

Por que a sutil, inteligente, atraente, meio-branca Melanctha Herbert amava e se dedicava e se rebaixava para servir a essa ordinária, decente, amuada, comum, infantil e preta Rose, e por que essa amoral, promíscua e desajeitada Rose se casou — e isso também não é muito comum — com um homem bom dentre os negros, enquanto Melanctha, com seu sangue branco e atração e seu desejo de ter uma posição direita, ainda não tinha se casado de verdade.

Às vezes pensar em como seu mundo era feito enchia a ardente e complexa Melanctha de desespero. Ela se perguntava, freqüentemente, como é que ela podia continuar vivendo quando era tão triste.

Rose Johnson e Melanctha Herbert tinham se encontrado pela primeira vez uma noite na igreja. Rose Johnson não ligava muito pra religião. Ela não tinha emoção bastante para ser despertada por um renascimento da fé. Melanctha Herbert ainda não tinha descoberto como usar a religião. Ela ainda era complexa demais no seu desejo.

Rose agora, à maneira comoda dos negros, vivia com uma mulher em sua casa e então, sem nenhuma razão, mudava e ia viver com uma outra mulher em sua casa. Esse tempo todo, também, Rose tinha companhia, e estava comprometida, primeiro com este homem de cor e logo com aquele e sempre deixando claro que ela estava comprometida, pois Rose tinha muito forte o senso da boa conduta.

Depois de viver assim por algum tempo, Rose pensou que seria refinado e muito bom na sua posição casar-se oficialmente de verdade. Ela tinha conhecido Sam Johnson recentemente em algum lugar, e ela gostou dele e ela soube que ele era um homem bom, e aí ele tinha um lugar onde ele trabalhava todo dia e recebia um bom salário. Sam Johnson gostava muito bem de Rose e estava pronto para se casar. Um dia eles tiveram uma linda cerimônia de casamento de verdade e se casaram. Então, com a ajuda de Melanctha Herbert na costura e no trabalho mais delicado, eles arrumaram confortavelmente uma casinha de tijolos vermelhos. Sam então voltou ao seu trabalho como faxineiro de bordo de um vapor costeiro, e Rose ficou em casa e se sentou e se gabou para todas as amigas dizendo como era bom estar casada de verdade com um marido.

Melanctha Herbert não tinha feito sua vida toda simples como Rose Johnson. Melanctha não achava fácil, dentro de si mesma, fazer concordar o que ela queria com o que ela tinha.

Melanctha Herbert sempre amava demais e com demasiada freqüência. Ela estava sempre cheia de mistério e movimentos sutis e recusas e vagas desconfianças e complicadas desilusões. Então Melanctha ficava abrupta e impulsiva e entregue a alguma fé, e então ela sofria e era forte em sua repressão.

Melanctha Herbert tinha sido criada para ser religiosa, por sua mãe. Melanctha não gostava muito bem de sua mãe. Essa mãe, “Mis” Herbert, como os vizinhos a chamavam, tinha sido uma mulher de cor amarelo-pálido, agradável e digna e de doce aparência. “Mis” Herbert tinha sempre sido um pouco misteriosa e sem rumo e incerta no seu jeito.

Melanctha era de cor amarelo-pálido e misteriosa e um pouco agradável como sua mãe, mas o verdadeiro poder na natureza de Melanctha vinha do seu robusto e desagradável e muito intratável pai preto.

Melanctha Herbert quase sempre odiava seu pai preto, mas ela amava muito bem o poder nela que vinha dele.

A jovem Melanctha não amava seu pai e sua mãe e ela tinha uma coragem de cão e uma língua que às vezes podia ser bem suja. Então, também, Melanctha foi para a escola e aprendia tudo muito rápido e ela sabia muito bem como usar seus conhecimentos para irritar seus pais que não sabiam nada.

Melanctha, quando era menina, tinha tido uma boa oportunidade de conviver com cavalos. Perto de onde Melanctha morava com sua mãe, ficava o estábulo dos Bishop, uma família rica que sempre tinha ótimos cavalos.

John, o cocheiro dos Bishop, gostava de Melanctha muito bem e ele sempre deixava ela fazer o que quisesse com os cavalos. John era um mulato decente, vigoroso, com uma casa próspera e mulher e filhos. Melanctha Herbert era mais velha que qualquer um dos seus filhos. Ela era agora uma menina de doze anos bem crescida e apenas começando a ser mulher.

James Herbert era um negro poderoso, mal feito, desastrado, preto, furioso. Herbert nunca foi um negro alegre. Mesmo quando bebia com outros homens, e ele fazia isso com muita freqüência, ele nunca estava realmente alegre. Nos tempos em que ele era mais jovem e livre e aberto, ele nunca tinha tido a risada larga e abandonada que dá esse enorme brilho dourado ao sol dos negros.

James Herbert sempre bebia com John, o cocheiro dos Bishop. John, com sua natureza boa, tentou algumas vezes abrandar os sentimentos de Herbert em relação a Melanctha. Não que Melanctha tenha nunca se queixado para John da sua vida em casa ou do seu pai. Nunca foi do jeito de Melanctha, mesmo no meio das piores dificuldades, se queixar para quem quer que fosse do que lhe acontecia. Mas ainda assim de algum modo todo mundo que conhecia Melanctha sempre sabia o quanto ela sofria. Era só enquanto amasse Melanctha que alguém podia entender como perdoá-la por nunca nem uma vez se queixar ou parecer infeliz, e sempre bonita e animada, e ainda assim a gente sempre saber o quanto ela sofria.

John era um cocheiro preto muito decente. Quando ele pensava em Melanctha era como se fosse a mais velha dos seus filhos. Realmente ele sentia nela muito forte o poder de mulher.

Essa noite, depois que John e Herbert tinham bebido juntos por algum tempo, o bondoso John começou a dizer àquele pai que linda menina ele tinha por filha. Talvez o bondoso John tivesse bebido um bocado, talvez houvesse o vislumbre de algo mais tenro do que o sentimento de amigo mais velho no modo que John então falou sobre Melanctha.

Subitamente houve entre eles um momento cheio de negras maldições, e então navalhas afiadas fiscaram nas mãos negras que as seguravam arremessadas para trás à moda dos pretos, e então por alguns minutos houve cortes sangrentos.

John era um negro decente, agradável, de boa índole e pele clara, mas sabia usar uma navalha para fazer cortes sangrentos.

Melanctha Herbert tinha sempre sido velha em tudo e desde muito cedo ela soube como usar o seu poder de mulher, e ainda assim Melanctha com toda a sua intensa sabedoria inata era muito ignorante do mal. Melanctha ainda não tinha chegado a entender o que é que queriam dizer, as coisas que ela ouvia com tanta freqüência ao seu redor, e que estavam apenas começando a mexer com força dentro dela.

Quando a agitação passou, Melanctha começou a conhecer seu poder, o poder que tantas vezes ela tinha sentido mexer dentro dela e que agora ela sabia que podia usar para ficar mais forte.

James Herbert não ganhou a briga com a filha. Em pouco tempo ele esqueceu isso como esqueceu John e o corte de sua navalha afiada.

Melanctha quase esqueceu de odiar o pai, no seu forte interesse no poder que ela agora sabia ter dentro de si.

Melanctha agora estava realmente começando a ser mulher. Estava pronta, e começou a pesquisar nas ruas e nas esquinas escuras para descobrir os homens e aprender sobre suas naturezas e suas várias maneiras de trabalhar.

Nos anos que se seguiram, Melanctha descobriu muitos caminhos que levavam à sabedoria. Descobriu os caminhos e, ao longe, vagamente, viu a sabedoria. Esses anos de aprendizado foram para Melanctha um meio direto de se meter em apuros, embora durante esses anos Melanctha nunca fizesse ou quisesse fazer nada que fosse realmente errado.

Então, quando a escuridão cobria tudo, ela começava a aprender a conhecer este ou aquele homem. Ela se insinuava, eles correspondiam, ela então recuava um pouco, vagamente, e nunca ela sabia o que era realmente que a segurava. Às vezes ela quase cedia, e então a força que nela nascia de realmente não saber detinha o homem em sua tentativa. Era uma estranha experiência de ignorância e poder e desejo.

Melanctha sentia um forte respeito por qualquer tipo de poder vitorioso.

Nesses dias juvenis, eram somente os homens que, para Melanctha, detinham tudo o que existe de conhecimento e poder. Não foi com os homens no entanto que Melanctha aprendeu a realmente entender esse poder.

Nesses dias Melanctha falou e parou e andou com muitos tipos de homens, mas ela não aprendeu a conhecer nenhum deles profundamente. Todos eles supunham que ela tivesse conhecimento do mundo e experiência. Eles, acreditando que ela sabia tudo, nada lhe diziam, e pensando que ela decidia por eles, não pediam nada, e assim embora Melanctha perambulasse largamente, ela estava realmente muito segura com toda essa perambulação.

Era uma experiência muito espantosa essa segurança de Melanctha nesses dias de sua tentativa de aprendizado. Melanctha ela mesma não sentia o espanto, ela só sabia que para ela nada daquilo tinha valor real.

Melanctha e algum homem paravam juntos na noite e conversavam. Às vezes Melanctha estava com uma outra garota e então era muito mais fácil ficar ou escapar, porque então elas podiam encontrar uma saída juntas, e, trocando palavras e risadas entre si, podiam impedir um homem de ir longe demais em suas atenções.

Depois do parque ferroviário eram as docas o que Melanctha mais amava quando perambulava.

Melanctha amava ver esses lugares escuros e fedorentos. Ela sempre amou olhar e escutar e falar com homens que trabalham duro. Mas nunca foi com essa gente rude que Melanctha tentou aprender os caminhos que levam à sabedoria. À luz do dia ela sempre gostava de falar com homens rudes e ouvir sobre suas vidas e seus trabalhos e seus vários modos de fazer, mas quando a escuridão cobria tudo, Melanctha ia encontrar, e ficar, e falar com um caixeiro ou um jovem agente marítimo que a tinha visto olhando o cais, e assim é que ela tentava aprender a entender.

James Herbert não discutia mais as coisas com sua filha. Ele temia sua língua, seus conhecimentos escolares, e o modo que ela tinha de dizer coisas duras a um negro brutal que nada sabia. E Melanctha nesse momento o odiava profundamente em seu sofrimento.

Melanctha Herbert tinha dezesseis anos quando ela conheceu Jane Harden. Jane era negra, mas era tão branca que dificilmente alguém suspeitaria. Jane tinha recebido bastante educação. Tinha estudado dois anos num colégio negro. Tinha tido que deixá-lo por causa de sua má conduta. Ela ensinou muitas coisas a Melanctha. Ela lhe ensinou como encontrar os caminhos que levam à sabedoria.

Jane Harden não tinha medo de entender. Melanctha, que tinha muito forte o senso da experiência real, sabia que ali estava uma mulher que tinha aprendido a entender.

Jane era uma mulher endurecida. Tinha poder e gostava de usá-lo, tinha muito sangue branco e isso a fazia ver claro, gostava de beber e isso a fazia temerária.

Antes do fim, do fim dos dois anos em que Melanctha passava todo o tempo que ela não estava na escola ou em casa, com Jane Harden, antes que esses dois anos tivessem chegado ao fim, Melanctha tinha chegado a ver bem claro, e ela tinha chegado a estar bem certa, o que é que dá ao mundo sua sabedoria.

Beber dominava cada vez mais Jane Harden. Melanctha tentou se acostumar à bebida mas isso não a atraía realmente.

Jane tinha muitas maneiras de ensinar. Ela disse muitas coisas a Melanctha. Ela amava Melanctha e fazia Melanctha sentir isso muito profundamente. Ela convivia com outras pessoas e com homens e com Melanctha, e ela fazia Melanctha entender o que todo mundo queria, e o que se fazer com o poder quando se tem.

Às vezes a lição vinha quase forte demais para Melanctha, mas de algum jeito ela conseguia suportar e assim, lentamente, mas sempre uma força e um sentimento crescentes, Melanctha começou realmente a entender.

Então, lentamente, entre as duas, tudo começou a ser diferente. Lentamente agora entre as duas era Melanctha Herbert que era a mais forte. Lentamente agora elas começaram a se afastar uma da outra.

Melanctha Herbert nunca realmente perdeu a consciência de que fora Jane Harden quem tinha lhe ensinado, mas Jane fazia muitas coisas de que ela não precisava mais. E então, também, Melanctha nunca lembrava direito quando se chegava a o que é que ela tinha dito e o que é que tinha acontecido.

Melanctha começou agora a sentir que ela sempre tivera sabedoria do mundo.

Agora era alguma coisa mais real que Melanctha queria, alguma coisa que a tocasse muito profundamente, alguma coisa que a enchesse completamente da sabedoria que agora estava plantada dentro dela, e que ela desejava que realmente a enchesse toda.

Melanctha experimentou uma porção de homens, nesses dias antes de realmente achar o que queria. Foi quãse um ano que ela perambulou e então se encontrou com um jovem mulato. Ele era um médico que estava começando a praticar.

Durante esse ano “Mis” Herbert como os vizinhos a chamavam, a mãe amarelo-pálido de Melanctha, ficou muito doente e nesse ano ela morreu.

Melanctha cuidou muito bem de sua mãe. Ela fez tudo o que uma mulher podia fazer, ela tratou e tranquilizou e ajudou sua mãe amarelo-pálido, e ela trabalhava duro, de todas as maneiras, para cuidar dela e fazer com que morrer lhe fosse mais fácil. Mas Melanctha nesses dias não gostava mais de sua mãe do que antes, e sua mãe nunca se importou com essa filha que sempre fora uma criança difícil de se lidar, e que tinha uma língua que podia ser muito suja.

Melanctha fez tudo o que uma mulher podia fazer, e afinal sua mãe morreu, e Melanctha a enterrou.

Foi o jovem médico, Jefferson Campbell, quem ajudou Melanctha até o fim, a tomar conta de sua mãe doente. Jefferson Campbell tinha visto antes muitas vezes Melanctha, mas ele nunca tinha gostado dela muito bem, e nunca acreditou que ela prestasse.

Dr. Jefferson Campbell era um médico sério, dedicado, bom, jovem, alegre. Ele gostava de cuidar de todo mundo e amava sua gente de cor. Ele sempre achou a vida fácil, Jeff Campbell, e todos gostavam de tê-lo com eles. Ele era tão bom e compreensivo, e estava sempre tão sério e alegre. Ele cantava quando estava feliz, e ele ria, e a sua era a risada livre e abandonada que dá esse enorme brilho dourado ao sol dos negros.

Dr. Campbell tinha cuidado de Jane Harden em alguns dos seus momentos muito difíceis. Jane às vezes falava mal de Melanctha para ele. Que direito tinha essa Melanctha Herbert que devia tudo a ela, Jane Harden, que direito tinha uma garota como essa de ir embora com outro homem e abandoná-la, mas Melanctha Herbert nunca tivera noção de como se deve agir com as pessoas. Melanctha tinha uma boa cabeça, Jane nunca negou isso, mas ela nunca a usava para fazer nada decente com ela. Mas o que é que se poderia esperar quando Melanctha tinha um crioulo tão brutal e preto como pai, e Melanctha sempre estava falando mal do pai mas ela era igualzinha a ele, e na verdade ela o admirava tanto e ele nunca teve a mínima noção do que ele devia aos outros, e Melanctha era igualzinha a ele e ela se orgulhava disso também, e aquilo deixava Jane tão cansada, ouvir Melanctha falar o tempo todo como se não se orgulhasse.

Dr. Campbell estava ajudando Melanctha Herbert a cuidar de sua mãe doente. Ele agora via Melanctha por muito tempo e muitas vezes, e eles às vezes conversavam um bocado juntos, mas Melanctha nunca disse nada a ele sobre Jane Harden.

Ele achava que gostava sempre mais de Jane Harden, e que ele desejava muito que ela nunca tivesse começado com aquela bebedeira.

Um dia “Mis” Herbert estava muito pior e Dr. Campbell pensou que essa noite seguramente ela ia morrer. Ele voltou tarde à casa, como prometera, para sentar-se ao lado de “Mis” Herbert, e para ajudar Melanctha, se ela necessitasse de alguém para ficar com ela. Melanctha Herbert e Jeff Campbell ficaram sentados juntos toda aquela noite. “Mis” Herbert não morreu. No dia seguinte ela estava um pouco melhor.

Dr. Campbell sempre gostava de ler. Dr. Campbell não tinha trazido um livro consigo naquela noite. Tinha só se esquecido. Tinha pensado em pôr alguma coisa no bolso para ler, para que pudesse se divertir enquanto estivesse ali sentado vigiando. Quando ele acabou de cuidar de “Mis” Herbert, ele veio e se sentou bem nos degraus que estavam acima de onde Melanctha estava sentada. Ele falou sobre como tinha se esquecido de trazer seu livro. Melanctha disse que havia alguns jornais velhos na casa, talvez Dr. Campbell achasse alguma coisa neles que o ajudasse um pouco a passar o tempo. Tudo bem, Dr. Campbell disse, isso seria melhor do que ficar aqui sentado sem nada. Dr. Campbell começou a ler os jornais velhos que Melanctha lhe deu. Quando alguma coisa neles o divertia, ele lia alto para Melanctha. Melanctha estava agora bem silenciosa, com ele.

Dr. Campbell logo acabou com sua leitura dos velhos jornais e então de algum modo ele começou a falar sobre as coisas em que ele estava sempre pensando. Dr. Campbell disse que queria trabalhar de modo que pudesse entender o que perturbava as pessoas, e não apenas ter excitações, e ele acreditava que você deve amar seu pai e sua mãe e ser direito toda a sua vida e não ficar sempre querendo novas coisas e excitações, e sempre saber o seu lugar, e o que você quis, e sempre dizer o que realmente pensa. Esse é o único tipo de vida que ele conhecia ou em que acreditava, Jeff Campbell repetia. “Não, eu não vejo pra que ficar o tempo todo se excitando e querendo ter todo tipo de experiência o tempo todo. Eu tenho bastante experiência apenas vivendo direito e quieto e com minha família, e fazendo meu serviço, e cuidando das pessoas, e tentando compreender. Eu não acredito muito nesse negócio de andar à toa e não quero ver gente preta fazendo isso”.

Era para a vida que ele queria que ele falava, e o modo como ele queria que as coisas fossem entre a gente de cor.

“Mas o que dizer de Jane Harden?”, disse Melanctha a Jeff Campbell, “me parece Dr. Campbell que você acha que ela tem alguma coisa nela, e você vai lá freqüentemente, e você fala muito mais com ela do que com as moças direitas que ficam em casa com a família, do tipo que você diz que quer de verdade. Não me parece Dr. Campbell que o que você diz e o que você faz pareça ter nada a ver uma coisa com a outra. E quanto a você ser assim tão bom Dr. Campbell”, continuava Melanctha, “você próprio não se preocupa muito em ir à igreja, e no entanto está sempre dizendo que acredita em coisas assim para as pessoas. Me parece, Dr. Campbell, que você quer se divertir como todos nós, os outros, e aí você continua dizendo que o certo é ser bom e que não se deve procurar excitação, e no entanto você não quer realmente fazer assim Dr. Campbell, não mais do que eu ou Jane Harden.”

“Eu não digo, nunca, que eu não quero conhecer todo tipo de gente, Miss Melanctha, e eu não digo que existam muitos tipos de pessoas, e eu não digo nunca que eu não acho algumas como Jane Harden muito boas de conhecer e de conversar, mas são as coisas fortes que eu gosto em Jane Harden, não todas as excitações. Eu não admiro as coisas ruins que ela faz, Miss Melanctha, mas Jane Harden é uma mulher forte e eu sempre respeito isso nela. Não eu sei que você não acredita no que eu digo, Miss Melanctha, mas é sincero, e é só porque você não entende quando eu digo. E quanto à religião, apenas essa não é minha maneira de ser bom, Miss Melanctha, mas é uma boa maneira de muitas pessoas serem boas e direitas no seu modo de viver, e se elas acreditam, isso as ajuda a serem boas, e se elas são honestas quanto a isso, eu gosto de ver que elas têm. Não, o que eu não gosto, Miss Melanctha, é isso que eu vejo tanto entre as pessoas de cor, esse seu sempre querer novas coisas somente para se excitar”.

E assim Jeff Campbell e Melanctha Herbert ficaram sentados ali nos degraus, muito quietos, por muito tempo, e eles não pareciam pensar muito que estavam juntos. Ficaram ali sentados assim, por cerca de uma hora, e então ocorreu a Jefferson muito lentamente e como um sentimento forte que ele estava sentado ali na escada, sozinho, com Melanctha. Ele não sabia se Melanctha Herbert estava tendo a sensação muito forte de que eles estavam ali sozinhos juntos. Jefferson começou a se perguntar um pouco sobre isso. Lentamente ele começou a sentir que com certeza ambos deviam estar sentindo. Era tão importante que ele sabia que ela devia sentir. Os dois ficaram sentados ali, muito quietos, por longo tempo.

Logo Melanctha endireitou o corpo e começou a questionar.

RUJA

OTITAX

SOT

TAISO

COLAISO

BOITISIB

IMAGEM

onde se vê

ouvir

VOCÊ VIU A MAMÃEZINHA?
(HAVE YOU SEEN YOUR MOTHER, BABY?)

mick jagger & keith richard
(versão de péricles cavalcanti)

você viu a mamãezinha
transando no escuro?
viu também o papaizinho
nu atrás do muro?
e eu estou feliz por lhe tocar
senão você perigaría congelar

você viu seu amiguinho
transando no escuro?
viu também seu amorzinho
dando atrás do muro?
eu que nunca fui de andar na linha
estava só, até você entrar na minha

conte-me agora por quê
você me adora
por quê vivendo no escuro
queremos ver o futuro
mesmo sentados no muro
queremos estar seguros
amor e ódio

você viu a vovozinha
transando no escuro?
viu também o vovozinho
nu atrás do muro?
como você pôde até agora
falar de tudo com certeza, mas por fora

você viu a mamãezinha
transando no escuro?
viu também o papaizinho
nu atrás do muro?
depois disso só resta escolher
ser uma sombra do passado, ou viver

O tempo dispara, desaparece
retorna desgovernado
O relógio falha
Cáustico sorriso
A luxúria desamparada
no jardim das fobias
Ninguém, o medo vibra

a. l. m. andrade

A Nota Sol (esfregue pedra em pedra até sair faíscas)

sai de baixo. quando eu passar por baixo da janela de algum padraço resmungão quero ouvir a garagem em labaredas dum rocky punk, new wave and até new romantic-brasinhas. quero bandas mil na geléia geral.

quero um som que já nem seja mais de pedras rolando. o que desejo, meu irmão, é um meteoro caindo leve na neve. se você não ouvir nada, se passou: compre cotonetes microtonizados.

cantem loas, mas please: fora do tom, só serve se não for cdf musical. é ainda aquele treco de desafinar o coro dos contentes & qualquer coro que apareça nas paragens.

ei, diga lá aos senhores sérios compositores que inventem um naipe dos desafinados prá quebrar com a monotonia dos tenores e contraltos.

olhe cara: eu não sei absolutamente nadíssima de música — graças à Lúcifer que me criou carinhosamente com chicotadas dissonantes. tocar um instrumento? você tá brincando... como? se meus dedos são lagartixas libertinas & anárquicas prá qualquer buraco ou cordas? vá... me deixe, bem.

se gosto de leite condensado? eu digo: quem dá prá padre que vá logo se ordenhar e pare de fazer sermão melódico. ai meu saco que não existe.

não me interessa a boa educação nem a competição. quero é cantar mal & mal & mal: se você é neo-nazista eu canto baixinho e suave só prá estuporar seus músculos embonecados. se é telúrico, ah, dou gritos amigos dos metrô & fliperamas e no fundo não é nada disso: tou é muda, seu fdp.

chega de expectativas, perguntas, críticas. dance. você não sabe dançar? dançar é ouvir música com os poros e cantar é dançar com a garganta linguativa.

não tou sabendo chongas.

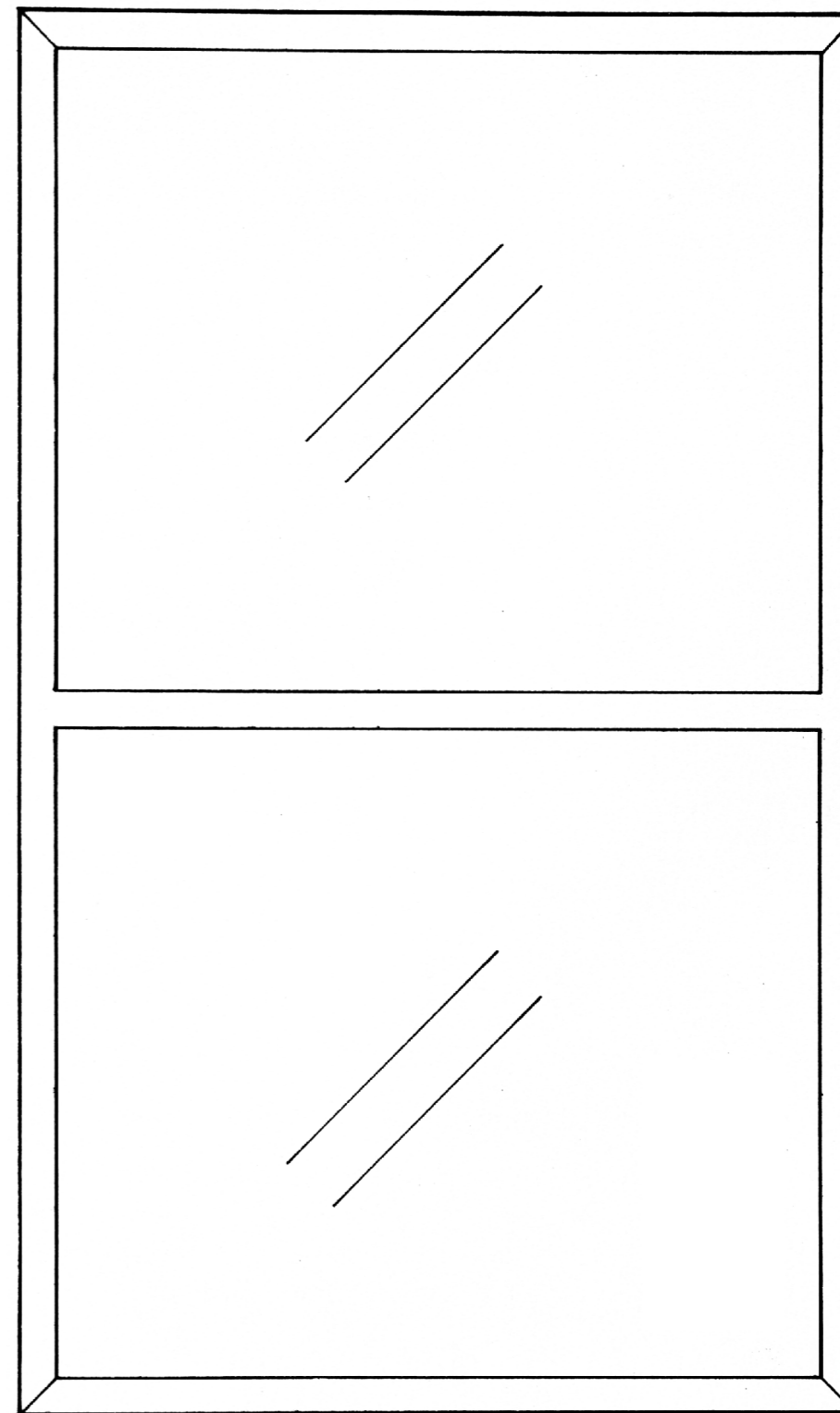
vocês tão transando som? tá limpo. alimente. (agora se for apenas um gravapagaio, xiii... sujou)

a nota sol não existe, nunca existiu. existe é esse astro fervendo meus buracos.

fim de papo. aí, hem gato: um toque: não disse nada.

iracema
24/11/82

Navegar nas desimpressões
naufragar na depressão
desvaneio irrefletido
inusitado
Resta a luminosidade do medo
e o pânico corrosivo



entre mel corpo
com sal suor
já revas perfume
de brancas amêmonas
na mulher parte
da nossa memória
que avança pétalas
sobre talamos verdes
sem desfolhar ramos
onde rendas leves
como Têias mãos
se abrem sol

Lygia

3 poemas
(do livro em preparo SÓZIA DA CÓPIA)
régis bonvicino

o poeta
um dedo duro
do real?

deve meter
o dedo em tudo?

primeira vítima
a verdade
o real
a realidade?

o poeta
um cara cheio de dedos?

um rival
do real?

deve tocar
o dedo na ferida?

o inferno?

entre o anular e o indicador
o dedo médio?

10/05/82

o provérbio latino
FERRUM NATARE DOCES
(ensinar
ferro a nadar/
querer
o impossível)

tornou-se
com a máquina a vapor de watt
LETRA
MORTA

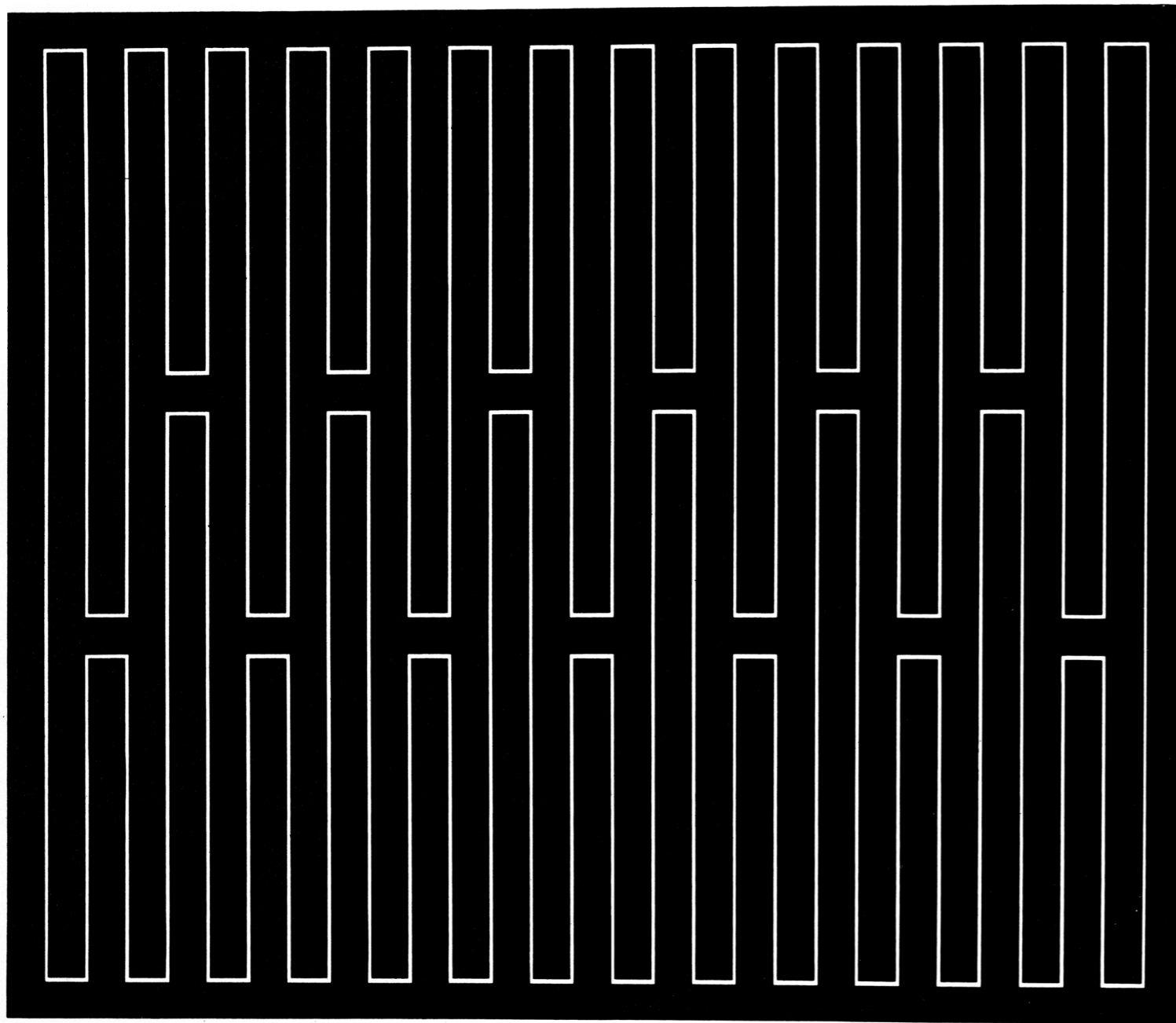
deixando
GALERAS E CARAVELAS
mar e rio

A VER NAVIOS

dez 81



direitos reservados de circulação



"CURVA FECHADA"

JULIO PLAZA 1980

Por este contrato feito entre a contratante
(EU, Laís, brasileira, maior, casada, residente
em Minas)
e a contratada
(EU, Laís, brasileira, maior, casada, residente
em Minas)

Laís Corrêa de Araújo

fica estipulado que, de agora em diante,
EU e EU

passamos a assinar, responder, vigorar como
MIM .

isto é — o EU dentro do EU, o EU mais o EU,
o EU ente mais o ser EU, o EU meu

Ou, como se vê — a pessoa I
entrefechada, entre montanhas,
entre minas
entre mina eira e idade

Ou, pode-se ver — (consultem-se os manuais de comuni-
cação visual, O lúdico e as proje-
ções do mundo barroco, o Rorschach, etc)

o I entre M e M, comprimido e penetrando entre
o dentro do dentro, o fundo
do fundo, o mundo
mítico, místico, mirífico
o miolo o mioma
o mínimo míssil dirigido

por mim
em mim
a mim

DE A

DE ZEUS A DEUS DEUS\$
DO TYRANOSAURUS REX AO DINAMOSAURUS LEX
DO BOBO DA CORTE AO ROBOT DO NORTE
DO DROMEDÁRIO AO TRÁFEGO PLANETÁRIO
DA AURORA DE RÓSEOS DEDOS AO AGORA DE FOGOS ACESOS
DA OURIVESARIA ESTÉTICA À ENERGIA CINÉTICA
DO CHÃO NATAL À ESTAÇÃO ORBITAL
DO CORTINADO AO FOGUETE PRESSURIZADO
DO ROMANO AO MARCIANO
DE CARLOS MAGNO AO PENTÁGONO
DO BRASÃO ARISTOCRÁTICO AO JARGÃO GALÁCTICO
DA PEDRA LASCADA À PALAVRA LACRADA

1 saga estoica

quem comeu a carne que roa
 o osso beba babe o most
 o do moço a coca o cuspe d
 e décio de deus do demo
 prepare o prato preterido
 a pelanca do pescoço ruga
 do rosto molhada ao molho
 cavalgue a calva o páre
 o da pista pesada a armadi
 lha da areia arcaica jogo
 do jóquei jubilado pass
 e a ferro a ferrugem o pun
 ho puído engome a gola gas
 ta sole o sapato passo em
 falso da falta soletre
 com saliva salgada a sílab
 a só sofreie o soluço o
 osso ao goto da garganta
 gargareje arfe urfe urre
 roa com raiva rumine o
 dito e não dito do discurs
 o diáfora do último uso

avô antônio roberto

a bênção

2 saga erótica

morrer do amor não de amor
 mio chico el campeador
 campeando o cio sisudo
 donjuan doméstico femeeiro
 da fome furtiva pescado
 r pescar o peixe entre as
 pernas os pentelhos cav
 aleiro cavalgar camas e co
 xas relincho do reprodu
 tor ímã do macho marcha
 dor a música clara do c
 larineta do instinto o
 instante insta o elo enlei
 a o alvo alva alvoroçada c
 arne cálida negra nervu
 ra o risco de quem arri
 sca perseguir o perigo
 do petisco solerte sortida
 à socapa o ouvido olhe
 iro do ódio os as
 visgo invisível da vindit
 a capões capangas capul
 etos a tramada trama ao
 rio o romeu que o pesc
 cador se pesque pênis apod
 recido

avô francisco hermógenes a bênção

A MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

houve um poeta
de alma doce e feminina
caprichos de lilás
e uma ilusão menina

indefeso gênio
de criança crescida
ao amar o Tejo
e suportar a vida

les champs elisés
os botecos
sempre abertos

houve um poeta
q se fez bem cedo
da sua dor, seu dono
fiel à sua vida
e ao seu medo
real, quase sempre real

escreveu seu próprio nome
dele jamais se lembrou
foi amante e coisa amada
e no seu quarto se matou

JORGE ALFREDO

Olho você que me lê. Sou um voyeur. Estou escondido visivelmente nesta superfície.

Sou um resto da escritura. Você é meu espelho e como eu, nada mais do que um efeito, um rastro.

Não tente me tocar, sou escorregadio e exterior como o óleo. Sou imagem virtual.

Desejo longamente roubar seus olhos, mas meu corpo se encontra tão achatado nesta página que qualquer movimento seria raso demais para penetrar na perspectiva ternária em que eles se acham encravados.

Minha antiga profundidade foi desdobrada numa área para facilitar o cálculo da letra.

Há uma certa dimensão entre o texto e Deus que para mim se desenha como uma utopia.

Infelizmente esta dimensão é tão curta que não me caberia.

Se eu conseguisse produzir em um momento mínimo um excesso talvez as letras deslizassem inaugurando uma neurose, ou mais rigorosamente falando uma profundidade.

Tal profundidade obsessivamente seria meu ponto de fuga do infinito.

O triângulo do Senhor não deve existir, pois se existisse como poderia eu estar reduzido a essa bidimensionalidade,

a esse binarismo? Jogar é possível, mas sem regras. Aqui o verdadeiro e o falso estão no mesmo plano.

Poderia talvez devorar minha mãe se encontrasse minha boca.

Na situação em que estou em que profundidade colocar tal senhora?

Será que a fita Moebius é o melhor retrato do sujeito que conhecemos?

haroldo cajazeiras

CORONA

De minha mão o outono come sua folha: somos amigos.
Descascamos o tempo dos frutos e o ensinamos a andar:
o tempo retorna à casca.

No espelho é domingo,
no sonho se dorme,
a boca diz verdade.

Meu olho desce para o sexo da que amo:
nós nos olhamos,
nós nos dizemos coisas escuras,
nós amamos um ao outro como papoula e memória,
nós dormimos como vinho nas conchas,
como o mar no raio de sangue da lua.

Ficamos abraçados junto à janela, eles nos olham
da rua:

é tempo que se saiba!

É tempo que a pedra se disponha a florir,
que o desassossego vibre um coração.

É tempo que seja tempo.

É tempo.

DO AZUL

Do azul que o olho dele busca eu bebo primeiro.

De sua pegada bebo e vejo:

você rola por meus dedos, pérola, e cresce!

Cresce como todos os esquecidos.

Você rola: a negra pedra de granizo-tristeza
cai num lenço, branco da despedida.

DOIS POEMAS DE PAUL CELAN
(traduções de paulo cesar lima)

waly salomão rio 82

FÊMEO-FÊMEA

Alhures,
todo me vibro em tudo

Aqui,
poderei decalcar o Q
é fugaz?

Racontar
rapsodiar
te me apreender
Prender e soltar numa clareira-narrativa
(Picada aberta na floresta amorfa)

E comandar:
– PASSE, carne colada ao envelope da placenta
– PASSE, fragmento encharcado nos líquidos placentários

Como
te
me
desprender?

Como???

COLEAR
Por entre atoleiro areia mó movediça charco

Ser serepente q serepenteia o bote-mor
Emaranhada na liana do próprio nó

cobra e sua dobra
teatro e seu duplo

boa constrictor cabrioladora

FÊMEO-FÊMEA

Q
ora se finge vulto miragem disto
ora se afigura voragem esfinge daquilo

algures

waly salomão

NOSSO AMOR RIDÍCULO SE ENQUADRA NA MOLDURA DOS SÉCULOS

NOSSO AMOR RIDÍCULO SE ENQUADRA NA MOLDURA DOS SÉCULOS
SUGO ESPIRAIS DAS NUVENS DE CIGARRO QUE FUMO
SOPRO BAFORADAS-CARAMUJO POR ENTRE VOLUTAS DO UNIVERSO
EU, PEQUENINO GRÃO DE AREIA-POETA, PLASMO RIMA ALITERAÇÃO METÁFORA OXÍMORO VERSO
PASTO PALAVRA: QUINQUILHARIA NINHARIA PALÁCIO DO NENHURES Ó CASTELO
DE VENTO

PASTEL DE BRISA
MONTE DE GANGA BRUTA
ENSEADA DE BUGIGANGA NONADA
EM CONFRONTO COM MANADAS MIRÍADES D'ESTRELAS ESPOUCADAS
SOBRE OS SETE DIFERENTES MARES QUE SETE ESPELHOS SÃO PARA ALGUM MAR ABSOLUTO
(ROMA E BAALBECK E BAGDAD E BABILÔNIA E BABEL SIDERAL)
E É O NOSSO AMOR UM AMOR TÃO DIMINUTO

LAMPEJO DE SEGUNDO
RELÂMPAGO DISSOLUTO

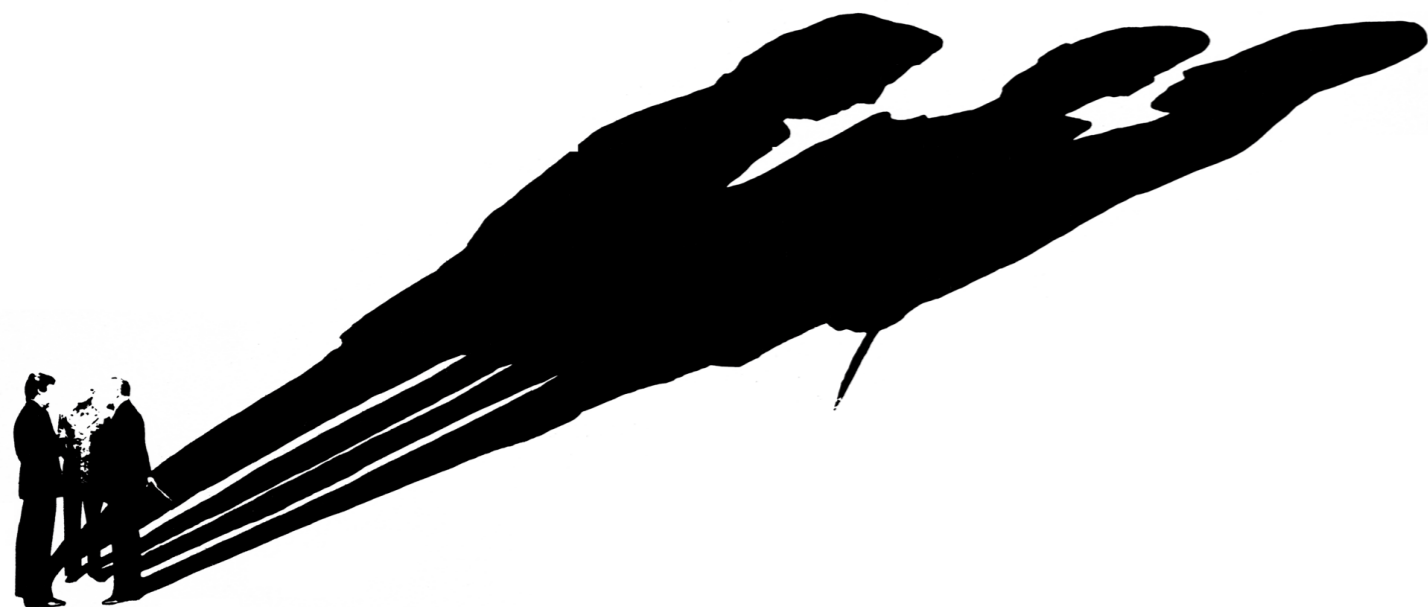
FILÊTE DUM RIO MINÚSCULO
MICROSCÓPIO LEITO

AMOR NOSSO SÉCULO:
BURACÓ NEGRO SORVEDOR DE VULTO AROMA LUZ
BAGAÇOS DE ROLHA BOLHA BORRA PORRA PÓ
BEBO VINHO PRECIOSO COM MOSQUITOS DENTRO

MURIÇOCA POTÓ

Rio
82

REGINA SILVEIRA – "SOMBRAS" – 1982



REGINA SILVEIRA – "SIMILE" – 1983

grãos
arreatados
ao mar

velocidade
de sóis
árvores
carnes

manhãs
atravessando

noites
na mesma
frase-brisa

poros
abertos
ao ideal

canções
que me adolecem
e mentem

moça
sob a chuva:
gesto de abrir
cortinas

a chuva
lhe cai em cima
ou se limita
a segui-la?

Acontecimento

qualquer,
algum ninguém

que
por sua vez:

miragem
de espelhos

interseção
do real

foi

está
escrito

Caso Redibitório (Matrimônio)

Minh'alma tem sete dons raros
e, em número maior que as obras-
-primas, micróbios, aos milhares,
tornam-me campo de manobras.

Ora, o sufrágio universal!
que chicaneia e clama insultos,
cada instante, ao menor sinal,
entre meus mil órgãos ocultos!...

Quisera viver com sucesso,
segundo um clássico programa,
associando-me, em congresso,
a alguma clássica madama.

Pode-se cogitar, na pauta,
em tirar exemplares, para
si, de si mesmo, quando falta,
porém, uma idéia, mais clara?...

Locuções dos Pierrôs – XIV

Mãos nos bolsos, pares,
rua acima, ouvi que
repiques
aos milhares
cantavam pelos ares:
“Tudo vai a pique!”

Deus tanto me faz,
estou na minha, afeito
ao leito
que me apraz,
é tudo. Eu vou direito,
não perturbo a paz.

Eu conheço a História
e a Natureza pura:
empórios
de rasura;
sou quem lhes assegura:
creiam-me, é notório.

se de repente a minha vida perdesse o leme e me levasse para lugares nunca dantes imaginados; lugares para onde só os ditos "escolhidos" iam, era como se todo o tempo eu não merecesse tudo o que estava acontecendo, era aquela palavra tantas vezes por mim ridicularizada com uma espécie de "a mim não irá acontecer" e eu digo isso principalmente à quem nunca ainda se sentiu realmente tomado por algo grande, real ao limite, e algo segundo o qual a vida de repente parecesse realmente valer a pena ser vivida...


Não era aquele tipo de amor que parece aparecer na nossa frente como que se de repente sentíssemos uma obrigação perante a nossa vida de que era chegada a hora de se experimentar algo de novo e que fazia realmente parte do desenrolar natural dos acontecimentos, mas não, era algo enorme e caudaloso do qual não havia escapatória possível...

Como agora passo a descrever o que, para a maioria das pessoas foi o "ponto alto" da minha vida, pois não consigo recordar de nada comparável seja em grandeza, seja em profundidade, passo aqui a descrever cenas que para sempre ficaram gravadas em minha memória como algo de indelével beleza.

Eu estava em minha cama num hotel a olhar para o rosto agora tão conhecido de minha amada e companheira — ela era o que se pode chamar de urna deusa viva, pois reunia em si a beleza do pássaro, o olhar humano e sábio de Juno, pois eu já sabia quem era Juno; era como se diariamente eu passasse a conversar com as grandes mulheres da eternidade, era como se houvesse de repente uma espécie de ponte para o tempo e o espaço (eu não gosto de falar levemente de assuntos como tempo e espaço, mas agora me parece um momento apropriado); era como se não houvessem pessoas importantes que não fossem catalogáveis com "menos importantes em relação a ela, foi quando virando-se para mim, muito seriamente perguntou-me, sem o menor traço de ironia, se eu era Deus... não que eu não estivesse preparado para uma pergunta dessa espécie, pois entre nós o relacionamento era como se tudo estivesse aos nossos pés, mas sem que sentíssemos o menor receio de sermos ultra-convencidos, mas mesmo assim eu fui obrigado a gaguejar quando respondi: — Sou! A partir daí, o caos, pois eu como que acreditei no que disse... as luzes começaram a rodar, o lustre era como se fosse feito de estrelas que pareciam não encontrar um lugar apropriado na abóboda celeste; tudo girou, e eu me senti diferente, senti que nunca seríamos os mesmos, pois uma grande mentira, pois eu nunca encontraria fé em mim suficiente para acreditar no que acabara de dizer; não que eu não acreditasse na força da fé, mas de onde eu poderia, em que hipótese encontrar energia suficiente para fazer face ao buraco que havia feito em meu universo do que era o real e o que era o imaginário? Essa afirmativa passou a pesar em meu subconsciente por anos a fio, e quando as horas de fé passaram a se tornar presentes, era por essa passagem, creio eu, que o que estava errado no meu relacionamento com os outros homens passava para um quarto dos fundos

VAL RODRIGUEZ

FONTE DO PRAZER. nu teu corpo deitado
pelos
(gramados em volta da fonte do)
caio de boca e é manjar do céu
pra subir
meu e do teu prazer
(gramados em volta da fonte do)
pelos
FONTE DO PRAZER. nu teu corpo deitado

COLEI DUAS asas
NA CALOI  A Poesia
FELIZ ANA I f a B E T A
É P R e k u r s o r A
d A
ASA DELTA



ACOMPANHA ESTA EDIÇÃO UM ENCARTE COM O POEMA "LOGOGLIFO" DE DÉCIO PIGNATARI

CÓDIGO 8
SALVADOR – BAHIA
1983

EDITOR:
ERTHOS ALBINO DE SOUZA

CAPA/PROGRAMAÇÃO VISUAL:
ANDRÉ LUYZ

LOGOTIPO:
AUGUSTO DE CAMPOS

CONTRA-CAPA:
CURVA FECHADA, *JÚLIO PLAZA*

PRODUÇÃO GRÁFICA:
SÉRGIO GARCIA GUERRA

COMPOSIÇÃO:
STUDIO DOMINGOS

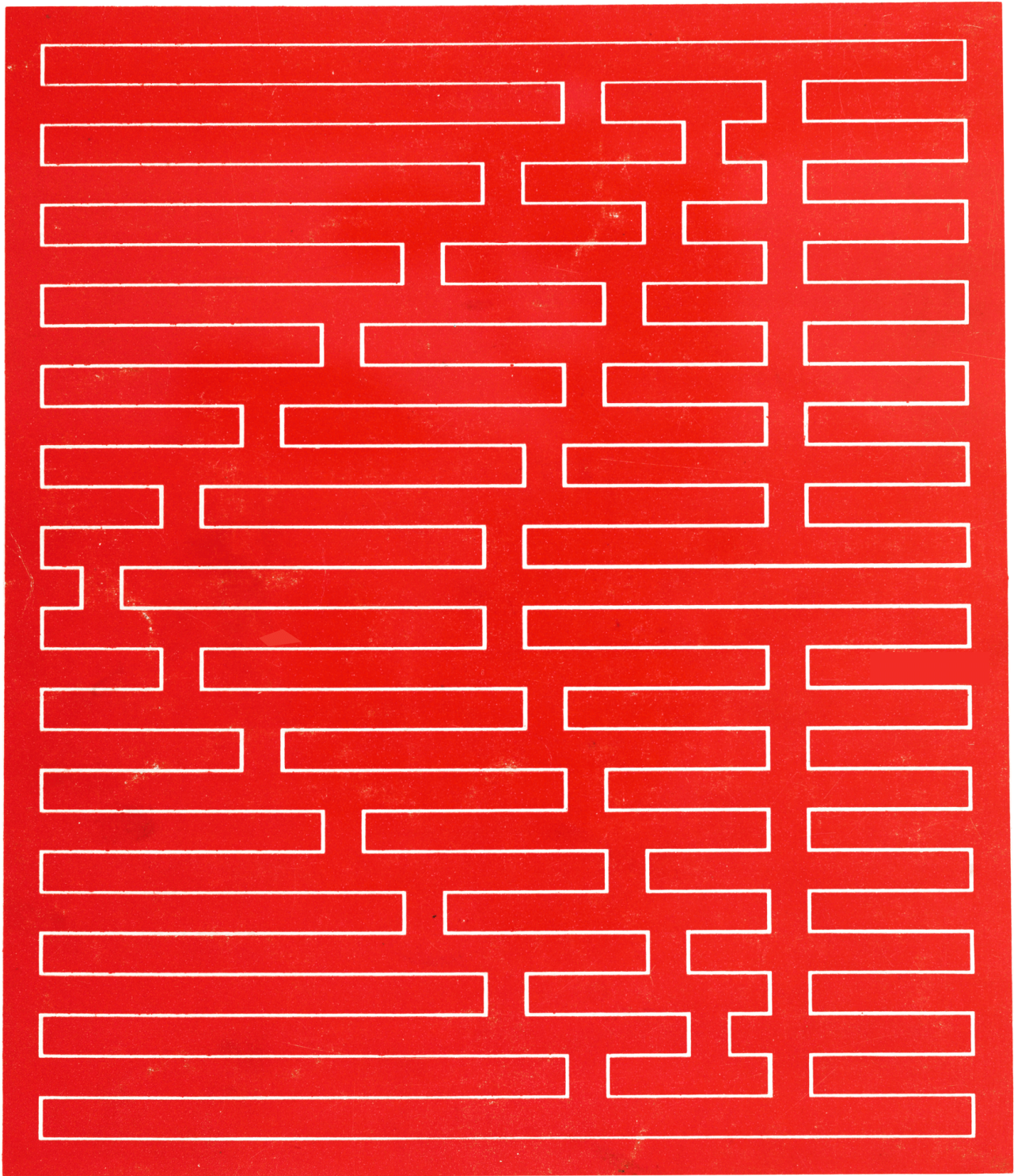
FOTOLITOS:
TRAÇO

IMPRESSÃO:
ARISTÔNIO ROCHA

CX POSTAL 502

créditos:
TABU, Fotos de *lita cerqueira*

gertrude stein, óleo de *picasso*
caetano, ready-made de *andré luyz*





LOGOGLIFOS (1983), DÉCIO PIGNATARI

ARTE FINAL: NILO